

# Empresários pedem expurgo do INPC

**RUY VEIGA**

**Correspondente**

São Paulo — Como não poderia deixar de ser, o eixo das conversas, além, claro, do discurso político de Olavo Setúbal, do almoço em homenagem ao presidente do Itaú, foi o **pacote econômico**. A tônica das conversas era a incerteza que está dominando a todos e a imensa expectativa gerada no País sobre a situação.

O próprio Olavo Setúbal pouco pode dizer sobre o **pacote** a não ser manifestar as expectativas que alimenta. Tem que ser um projeto econômico amplo, que ataque fundamentalmente a desindexação e os gastos públicos. Sem a desindexação o **pacote** perderá sua força.

Ele lembrou que, somente uma série de medidas corajosas permitirão a solução da crise geral. Para ele, existe hoje um consenso em todos os setores da sociedade de que o estado necessita conter suas despesas.

Tanto que um empresário com muita experiência na área financeira lembrou: "todos nós sabemos das coi-

sas somente pela beirada. A coluna vertebral do **pacote econômico** nós todos desconhecemos e quem se arriscar a comentar algo estará chutando. A desinformação é total".

Moraes Abreu, Vidigal e Abílio Diniz, integrantes do CMN, esquivaram-se das perguntas sobre o assunto, principalmente os dois primeiros. Vidigal chegou a puxar Moraes Abreu para o elevador a fim de "libertá-lo" da imprensa. A imagem deixada por ambos é a de eleitores a caminho das urnas, sem no entanto ter-lhes sido revelado os candidatos.

Um pouco mais enfático, Abílio Diniz reconheceu não ter conhecimento das medidas, não ser o que vem sendo divulgado e afirmou que comparecerá à reunião do CMN normalmente, na esperança que a expectativa gerada pela notícia das reformulações produzam efeitos positivos: "O País está vivendo em função dessa expectativa. Isto é perigoso. É necessário que a questão seja atacada a sério".

Sobre o **pacote econômico**, Paulo Setúbal Neto, presidente da Agrasca e filho de Olavo Setúbal, lembra que o mais importante é o problema do déficit público. Quanto à questão da taxa de juros, ele coloca que a limitação ao contingenciamento ao crédito bancário deve ser derrubada: "O governo amarra o setor bancário com o contingenciamento para poder continuar emitindo e ter um mercado seguro para suas ORTNs. Porque os bancos não conseguem expandir seus volumes em outra direção".

